

FERNANDA PACHECO

**Ciranda
lado**

B

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Osmar Savioli Júnior

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

ARTE DA CAPA: "Azul" (1922), litografia - Wassily Kandinsky (1866-1944).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P116c PACHECO, Fernanda. 1993-
Ciranda Lado B / Fernanda Pacheco – Penalux: Guaratinguetá, 2018.
70 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-379-5
1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

03:51

minha tela é o escuro dos olhos fechados
à beira do estige miles davis sopra bitches brew
danço a euforia remediada
o tormento mastiga cada canto dos meus dedos
as arestas deste espaço se curvam

- morte do horizonte declarada!

a dor é elevada
sólida dura firme
como é quente a sombra onde derreto
o que você está dizendo?
tenho a boca na palma da mão

musa antiga sem um olho
acaricia fatias finas do meu esqueleto
o medo está vazando
logo acaba o trilho
é vazio aqui e muito bagunçado
um escândalo
o som alterna com o susto
te incomoda?
meus olhos ceiam teu corpo subvertido.

EUFORIA 16

hiena ao meu lado esquerdo aterroriza o escuro
tenho bordas e ainda pingo até o ruído ERETO
acordeão recolhe cada pontada em brasa do sangue
acabaram de desenrolar o novelo que perturba meu
cérebro

minha palavra preferida sempre foi GUILHOTINA

para dilatar o ensejo sem retorno *an irish circus on
finnegans wake*

pulo em todas as poças antes do mangue dos teus cabelos
faço os elefantes ficarem quietos com sua voz de comer

choro em frames e os costuro no vento que antecede a vida
erro quando significo o erro porque não soy matéria

e a morte nem é morte

atravesso minha cabeça com a lâmina do SILÊNCIO
visão se faz em ângulo de noventa graus contra meu
peito sou cor grossa golpeando cada pó desse tormento
você quer mesmo lapidar o que penso quando calo a
boca?erínias confortam cada parasita que me penetra
augusta é uma lagarta QUENTE e mansa diagnosticada
com esquizofrenia. cadê meu remédio contra combustão
de fantasias?

olha lá a dentadura da mulher que caiu no trilho do trem
você me mostram a vida em cenas com a manivela enferrujada
transposição do absurdo *visualvital* contra o absolutismo do lirismo
falido já
círculos enfileirados transando a altura do horizonte em marcha
inversão das vogais dentro do rodízio das suas falas malas abolição
de todos os signos fardados de acalento
aponta esse poema pra lá *pe loam ordede us!*

ainda não sequei e já me penduraram na caverna da memória extinta
pingo cada vez que pincelam a misericórdia
em nome do quê mesmo?
é um tesão ter fé no não?
te excita o gozo monumento de muros humanos?

RITUAL DE UMA VIDA E MEIA

...em nome de deus, me carregue me pregue em sua cruz.

Sérgio Sampaio

enquanto tropeço em cabeças
frutíferas podres
uma fresta de luz rasga meus olhos
miro teu rastro escuro
sôfrego e quase doentio de quem se encontrou
busco mentiras
saboreio cada centímetro desse abraço
mecanizado
desfio meu peito em silêncio
com a ponta do dedo
delicado
orgia de vozes&orgia de signos
eles não calam a boca
nem no culto à catástrofe da gente onde me ofereço
em estado de graça.

PORTA NULA

triângulo de areia se fecha
grudado nos meus olhos

onde desabou o teto
reina ele – o barco ébrio

corre furioso ao limbo
se banha de incêndio
que queima de tão frio

sou cova que arde
não covarde

nos dedos tenho fios
manipulando cristos desmiolados

durmo com meu corpo absorto
na respiração reparada

penso em “*crônica de uma morte anunciada*”
e rio.

CIRANDA LADO B

I

um tiro na
testa do
menino
enlouquecido
que canta
seus mortos
ao inimigo

II

de cima da banca de
jornal: terra à vista!
a conquista da agonia
perpétua!

o sangue em poça
se funde ao tóxico
do *pirlimpimpim*

repare bem essa mão da carnificina:
mais tarde é ela que te asfixia.

teu nome degolado
é 174.

III

comemoro o terror dos olhos
colocados no caos que se anuncia
o caos não se anuncia
o horror é a própria vida.

 fernandampacheco@gmail.com

 fernanda.monique.pacheco

 desertei.blogspot.com.br

Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em maio de 2018.
